

BRAUGE, Rémi, *La Sagesse du monde: histoire de l'expérience humaine de l'univers*, Paris: Fayard, 1999, 333 p.

Rémi Brague, professor na Universidade de Paris I, é um conhecido *scholar* que domina perfeitamente, tanto do ponto de vista lingüístico como do ponto de vista doutrinal, as grandes tradições culturais do Ocidente — a greco-latina, seu campo de especialista, e a medieval árabe-judia e latina possuindo, além disso, um bom conhecimento da filosofia moderna. Essa excepcional preparação permite-lhe escrever uma obra como a que estamos apresentando, na qual é investigado e analisado um dos temas fundamentais da nossa herança cultural: a experiência humana do universo e as idéias e representações que lhe correspondem ao longo da história. Não obstante a enorme documentação recolhida pelo A. e atestada na abundância das notas, o livro é escrito em estilo claro e simples e pode ser lido sem dificuldade mesmo pelo não-especialista.

O tema estudado por Brague já fora objeto de numerosos trabalhos de pesquisa e interpretação, seja abrangendo toda a sua história, como a obra de Walther Kranz, *Kosmos (Archiv für*

Begriffsgeschichte, II, 2, 1958) seja dedicando-se a um dos seus episódios maiores, como as obras de A. Koyré (1961-1962) sobre a chamada "revolução astronômica" iniciada por Copérnico. O estudo de Brague distingue-se dos seus antecessores por uma acentuação maior do aspecto que podemos denominar *filosófico* do problema e que é caracterizado como uma história do *ser-no-mundo* (p. 7). Enfoque amplo e complexo que abrange diversos campos: físico, metafísico, antropológico, ético, estético e religioso. Ao investigar todos esses campos no seu entrelaçamento histórico concreto, o A. pretende mostrar não só o caráter onipresente da experiência do mundo em todas as dimensões da vida humana, mas, igualmente, o caráter determinante dessa experiência fundamental em todas as expressões com as quais o ser humano significa sua própria vida como *ser-no-mundo*.

A leitura atenta do livro de R. Brague deve levar em conta a distinção explicada na Introdução (pp. 12-16) entre *cosmografia e cosmogonia*, de um lado, e *cosmologia*, de outro. Cosmogonia e cosmografia, procedimentos de caráter mais descritivo, podem receber uma expressão *mítica*, como na *Teogonia* de

Hesíodo, ou *filosófico-científica*, como no *Timeu* de Platão ou, nos tempos modernos, no ambicioso projeto, que permaneceu inédito, do *Traité du monde* de Descartes. Já o termo *cosmologia* designa uma reflexão sobre o mundo, seja em si mesmo seja na sua relação ao ser humano que o habita, donde a relação entre *cosmologia* e *antropologia*. Os dois primeiros termos são conhecidos na língua grega clássica, o terceiro é uma invenção do século XVII.

Abrangendo, portanto, essas três óticas sob as quais o problema do mundo pode ser considerado, a exposição de René Brague compreende um capítulo preliminar, onde é primeiramente assinalada a presumível ausência da idéia de mundo na *pré-história* e na primeira metade dos tempos ditos convencionalmente *históricos* (a partir de 3000 a.C.). Uma idéia do mundo nas civilizações pre-helênicas começa a delinear-se provavelmente a partir do chamado *tempo-eixo* (cerca de 800 a.C.). Mas é somente com o advento da cultura grega que fará sua aparição o conceito de *kosmos* designando uma ordem do mundo que é representada nos termos de uma relação *normativa* com a existência humana — do indivíduo e da cidade —, dando origem ao que Brague denomina uma *sabedoria do mundo*. É a partir daí que começa verdadeiramente, na civilização ocidental, a história de uma experiência humana do universo e das suas expressões.

Depois de descrever (I, II) os passos do nascimento grego do *kosmos*, o A. enumera e estuda quatro modelos no curso da história da experiência ocidental do mundo, ou modelos de universo com relação aos quais tem lugar uma forma distinta de experiência. Assistimos primeiramente à formação do modelo *grego*, no qual duas tendências se manifestam: o retraimento socrático para a *interioridade* da *psyché*, assina-

lando um desinteresse pelo tema do kosmos, dominante no fisicismo pre-socrático, e o retorno platônico, sob a influência do pitagorismo, à contemplação da ordem do mundo na sua gênese e na sua estrutura (*Timeu*). Embora a vertente socrática sobreviva como um ideal permanente na cultura ocidental, o cosmologismo platônico estará presente como modelo inspirador dominante ao longo de toda a história da idéia ocidental do mundo, tendo, no fim da Antigüidade, dado origem a uma forma grandiosa de religiosidade, a chamada "religião cósmica", estudada sobretudo por A. J. Festugière.

Como alternativa ao modelo grego na cultura mediterrânea apresenta-se a representação do mundo bíblico-islâmica, integrando traços das cosmologias pre-helênicas do Oriente médio (II, V). No fim da Antigüidade um poderoso movimento anti-cósmico, conhecido por *gnose*, invade a cultura mediterrânea e nela imprime profundamente uma representação dualista alma-mundo destinada a marcar toda a história posterior. Esse acosmismo ou, melhor, anticosmismo não deve, porém, ser alinhado na posteridade de Sócrates, na qual não se manifesta nenhuma hostilidade com relação ao mundo e sim um desinteresse pelos problemas cosmológicos.

Aos dois modelos antigos, o platônico-aristotélico e o gnóstico, sucede o "modelo medieval" nas suas diversas versões e presente na tradição cultural dos três monoteísmos, judaico, árabe e latino, nos quais a idéia de *criação* introduz uma componente radicalmente nova no modelo antigo. Nos tempos medievais persiste a influência do socratismo e do gnosticismo, sobretudo do primeiro, mas é o modelo clássico que domina e torna-se o modelo *standard* (pp. 103-127). Nele é particu-

larmente notável a correlação entre um *kosmos* eticamente pensado (no qual o *mal* é uma exceção) e uma *ética* de feição cosmológica (pp. 127-176). Uma conseqüência extremamente importante do criacionismo, denominada por R. Brague o “excesso abramico” (pp. 179-212), é a historização da cosmologia, sobrelevada teologicamente ao plano da história da salvação.

O quarto modelo, se assim se pode chamar, sendo afinal uma sucessão de modelos, aparece como um dos fatores fundamentais a provocar o advento dos tempos modernos, nascido da revolução científica dos séculos XVI e XVII. Seu primeiro efeito é a dissolução do modelo *standard*, deixando em seu lugar o silêncio dos espaços infinitos que aterrorizava o “libertino” de Pascal (p. 219 e nota 38, p. 290). A “perda do mundo” (p. 249) que daqui resulta, levanta um dos mais graves desafios diante do ser humano nesse ciclo de civilização do Ocidente, hoje mundializado, e ao qual a presença e dinamismo do fazer *técnico* não consegue responder. O último capítulo do livro, justamente intitulado “um mundo perdido” (pp. 249-261), retoma essa questão decisiva, refletindo sobre as exigências cosmo-lógicas da Ética sobre o problema do mundo inteligível, sobre o conceito fenomenológico do mundo e sobre o mundo subjetivo.

A obra de R. Brague deve ser considerada, a nosso ver, um grande livro, sem dúvida dos mais importantes da literatura filosófica contemporânea no campo dos estudos histórico-filosóficos sobre a experiência matriz do *mundo* e sua transcrição na representação e no conceito. Como tal, assinala, sem dúvida, um marco fundamental no desenvolvimento desses estudos.

Henrique C. de Lima Vaz
CES — BH

TEIXEIRA, Evilázio F. B., *A educação do homem segundo Platão*, São Paulo: Paulus, 1999.

Hoje, na sociedade brasileira, a educação enfrenta sérias crises. Em época de crise sempre é muito aconselhável, como todos sabemos, buscar com os mais sábios idéias, intuições, projetos que nos ajudem a reverter a situação. Ora, dos mais sábios que pensaram a educação, e uma educação para a vida, para o bem viver, dificilmente encontraremos alguém maior do que Platão.

Certamente é com esta intuição que Evilázio Teixeira apresenta-nos seu trabalho “A Educação do homem segundo Platão”, livro que vem contribuir para o estudo deste assunto tão importante, a partir de uma obra tão valiosa quanto a platônica. Assim, temos um texto que, para todos aqueles que são amigos da sabedoria e desejam ajudar outros a descobri-la, apresenta-nos o genial projeto educacional de Platão, no qual encontramos intuições que certamente podem transformar a educação no mundo de hoje.

Como esclarece o A., estudar Platão não é “desenterrar fósseis do passado ou mesmo fazer arqueologia filosófica”, mas, buscar intuições para “educar e formar o homem ético, participante de uma comunidade humana e, como tal, incidente sobre a sua realidade social, transformando-a”. Aqui, certamente, teremos que enfrentar o paradigma que vem marcando a sociedade atual, na qual “o nível de competitividade e a preocupação com o mercado enfatizam uma educação cada vez mais técnica e intelectual, não se preocupando, com a mesma intensidade, com a dimensão afetiva, ética e transcendente do homem”. E assim, com o A., podemos nos perguntar: “Uma educação que não tivesse presente a dimensão

da transcendência do ser humano não seria incompleta?" Ora, é sobre esta questão que Platão pode nos ajudar a refletir.

O livro apresenta quatro capítulos. No primeiro, o A. apresenta alguns elementos significativos do contexto grego que tiveram influência na filosofia e no pensamento platônico. Assim, embarcamos numa aventura que se inicia na própria Atenas do séc. V a.C., com o início da democracia e o surgimento dos sofistas que, com sua retórica, criaram um modo próprio de educar — à disputa dos sofistas com Sócrates — que quer levar os homens ao autoconhecimento, ao conhecimento de uma ordem universal, de verdades e valores absolutos. O A. encerra este capítulo apresentando-nos Platão, o filósofo que constrói um sistema educativo "edificado sobre o alicerce da verdade e sobre a possibilidade da conquista da verdade através da ciência racional" (p. 23). Está, portanto, fundada a Academia, segundo o A., a primeira escola preocupada com uma consistente formação humana e intelectual.

O segundo capítulo, intitulado "A Educação do homem segundo Platão", vai revelando todo o grandioso projeto educativo pensado por Platão, no qual se destaca a preocupação de educar o homem através de um projeto harmônico que garanta a felicidade tanto para a polis quanto para o indivíduo. Para isto, primeiramente Platão apresenta o ideal de polis como critério para a educação do homem, e uma educação que busca a *eudaimonía* (felicidade). Ora, se para Platão a felicidade consiste na prática das virtudes então, educar será formar o homem virtuoso. Mas em que consiste a virtude? Sendo realmente virtuoso, o homem poderá ser feliz? E a virtude, pode ser conhecida e ensinada? Através do conhecimento da virtude, o homem melhora seu comporta-

mento? Aqui, o A. vai nos conduzindo, pelos escritos platônicos, na busca das respostas para as perguntas por nós apresentadas. Passando pela descrição da virtude como harmonia, como arte da boa medida, chegamos à descrição do "processo educativo platônico até se chegar ao rei-filósofo". Continuando a responder às indagações suscitadas pela leitura do texto, o A. nos mostra que este projeto é o de uma educação para a dialética, para o diálogo, em que educar implica em "aprender a perguntar sobre a vida, mas é a própria vida que me indaga a respeito da qualidade de como eu estou vivendo" (p. 46).

Essa educação, que implica uma relação de comunhão, tem como finalidade a prática do bem, e isto só será possível — que o bem seja praticado — com o amor pela sabedoria e pela verdade. Assim, a pergunta "Por que e para que educar os homens?" recebe a seguinte resposta: "a educação é a possibilidade do homem transcender a sua própria natureza, carregada de medos, fugas e receios". O A. nos mostra que, para Platão, o objetivo da educação e o fim último da existência está na "asemelhância com Deus" (*homoíōsistō tō theō*). Aprendemos, então, que "em Platão aparece fortemente a dimensão transcendente da educação. O homem é um ser faminto de infinito, sedento de totalidade e do inteligível. Assemelhar-se a Deus implica "trabalhar" os desejos irascíveis presentes na obscuridade humana" (p. 60). Portanto, o educador é aquele que provoca o educando, forçando sua desinstalação da caverna (cf. mito da caverna), realizando aquilo que os gregos chamavam de *metanóia*, i.é., mudança radical de vida e mentalidade.

No terceiro e quarto capítulos, o A. desenvolve as idéias sobre educação apresentadas anteriormente. Primeiro, mostrando (no terceiro capítulo) como a educação integral do ser humano deve ser compreendida como educação do

corpo — falando sobre a importância da arte, da ginástica e da música — e da alma. Muito interessante é a análise que o A. faz da “Educação do *érôs*: aprender a amar e desejar a beleza em si”. A educação é vista como uma obra do amor, porque a razão é insuficiente para conhecer tudo há um conhecimento que ultrapassa a razão e é fruto do amor. Assim, a educação é um “colocar-se a caminho da verdade” em que o homem assume conscientemente a sua ambigüidade entre o ideal e o real, e sua inspiração a tudo o que é belo e bom. Em seguida (no quarto capítulo) o A. apresenta a idéia platônica de “educação enquanto responsabilidade do estado”, uma vez que “a verdadeira missão do Estado é zelar pela felicidade de todos”, então, “a educação deve estar nas mãos do estado como um instrumento de formação do homem moral dentro de uma sociedade justa”(p. 121). Percebemos aqui a grande preocupação moral presente nas idéias de Platão sobre a educação.

Em seu trabalho investigativo, o A. vai descobrindo, na obra platônica, que “educar um homem é semelhante à arte do verdadeiro camponês. Consiste num trabalho sério, incansável e paciencioso”. “É um sacerdócio que tem como finalidade despertar nas almas a descoberta dos bens mais excelsos (Sócrates)”. E que, “para aqueles que trabalham com educação, não basta transmitir conhecimentos, mas devem comprometerem-se com aquilo que ensinam”. Assim, o homem bem formado será aquele que após ter contemplado o bem em si, usa-o como paradigma para ordenar a si mesmo e a cidade e alcançar o ideal máximo da educação: assemelhar-se a Deus.

Será que esta mensagem de Platão tem algum significado para a educação hoje? Será que não nos esquecemos de unir educação e política para construirmos

uma sociedade mais justa? Não será a educação tarefa de toda uma vida? A pergunta pela *eudaimonía* platônica não nos inquieta? Após todo conhecimento gerado pelo avanço científico-tecnológico, o homem é mais feliz? Estas e outras questões cada um poderá tentar respondê-las após a leitura deste excelente livro. E, se não encontrarmos respostas, fica para nós, como para o educador platônico, representado pela figura do filósofo, “o refúgio na solidão do ser, onde, com toda a dignidade, segundo Sócrates, citado por Platão no Fédon, o filósofo aprenderá a arte última, pois aprendeu, com a *sophía*, que a Filosofia, como possibilidade de educação do homem, é a arte de aprender a morrer” (p. 137).

Elton Vitoriano Ribeiro
CES — BH

LANCEL, Serge, Saint Augustin, Paris: Fayard, 1999, 792 pp.

A enorme bibliografia contemporânea sobre Santo Agostinho, apesar de crescer incessantemente, não contava até agora, enquanto sabemos, com nenhuma biografia do Bispo de Hipona que levasse em conta todos os dados da pesquisa recente, sobretudo arqueológica. A fonte primeira e indispensável continua sendo a *Vita Augustini*, do seu discípulo Possídio, bispo de Calama, que, em 430, o assistiu no leito de morte na Hipona cercada pelos vândalos, e preservou para a posteridade as obras de Agostinho guardadas na biblioteca episcopal de Hipona e remetidas por Possídio, em circunstâncias até hoje não esclarecidas, para a Itália. Sempre valiosas são as biografias do ilustre patrólogo Gustave Bardy, *Saint Augustin, l'homme et l'oeuvre* (1930, 7ª ed. 1948) e a do historiador Peter Brown, *Augustine of Hippo, a Biography* (1967).

Recentemente Dominique de Courcelles publicou uma apresentação extremamente sugestiva da personalidade de Agostinho, seguindo um roteiro que acompanha os momentos mais importantes da sua vida e da sua obra (*Augustin, ou le génie de l'Europe*, Paris, J. C. Lattès, 1995). Por sua vez G. Bonner, no artigo Augustinus (vita) do *Augustinus-Lexikon*, vol. I (1994), col. 519-550 apresenta um balanço autorizado dos resultados da pesquisa recente em torno da biografia de Agostinho.

A grande biografia que Serge Lancel acaba de publicar vem finalmente oferecer aos estudiosos uma vida de Santo Agostinho que reúne a ciência do grande especialista e a arte do escritor brilhante. Não obstante suas quase oitocentas páginas, essa vida de Agostinho é lida sem que em nenhum momento a atenção e o interesse do leitor venham a diminuir. Para isso concorre em primeiro lugar a indiscutível competência do A. Professor emérito da Universidade de Grenoble e membro da comissão de redação do *Augustinus-Lexikon*, Serge Lancel é especialista na história e na arqueologia da África do Norte nos períodos cartaginense e romano. A ciência do historiador e do arqueólogo unem-se para dar-nos uma descrição minuciosa do mundo de Agostinho nos fins do século IV e começos do século V quando se encaminhava para o fim a movimentada história da África romana. O *Sitz im Leben* de Agostinho é, assim, reconstituído em todos os seus pormenores de lugares e acontecimentos, desde a infância em Tagaste até a morte em Hipona Real (Hippo Regius). Em segundo lugar, Serge Lancel escreve em estilo claro, vigoroso e elegante, que sabe ser amável e pitoresco (como, p. ex., na descrição do *secessus* em Cassiciacum, pp. 147-150) ou grave e austero (como, p. ex., na evocação do batismo e na descrição da estadia em Óstia e da morte

de Mônica, pp. 162-174). Pelas suas qualidades científicas e literárias, essa biografia de Santo Agostinho deverá permanecer por longo tempo como uma referência obrigatória nos estudos agostinianos.

Mas os méritos literários e documentais estão, na obra de Serge Lancel, a serviço de uma brilhante exposição da evolução intelectual de Agostinho, que dá ao seu pensamento característica inconfundível, uma vez que a vida de Agostinho, nas suas peripécias exteriores, só alcança significação e lógica profundas à luz da história do seu espírito. Serge Lancel segue essa história através dos dois roteiros clássicos: as Confissões, até a conversão e o batismo, e as referências autobiográficas dos escritos posteriores, correspondência, sermões, polêmicas anti-maniqueia, anti-donatista e anti-pelagiana. O primeiro roteiro tem seu ponto de chegada nas duas conversões: "A conversão da inteligência" (cap.X) e "A conversão da vontade" (cap. XI). O segundo roteiro alcança seu ponto mais alto, no qual se fixa definitivamente a personalidade espiritual e intelectual de Agostinho, na 3ª parte "O Doutor da Graça" (caps. XXVIII - XXXIV). Nela se correspondem as duas altitudes às quais se eleva a contemplação agostiniana: o mistério de Deus (*De Trinitate*, cap. XXX) e o mistério da história (*De Civitate Dei*, cap. XXXI). Agostinho traça aí as grandes linhas da evolução futura do espírito ocidental até o fim da Idade Média e além. Não se deve, porém, esquecer que a atividade quase prodigiosa do incansável Bispo de Hipona no período do episcopado (a partir de 395), seja no seu ensinamento pastoral, na sua ação em favor da unidade da Igreja e na sua participação nos acontecimentos políticos da África romana, delineou o primeiro grande modelo de uma civilização cristã que irá inspirar em grande parte a civilização medieval no Ociden-

te latino. Essa dimensão da vida de Agostinho, personagem eminente na vida da Igreja e do mundo no seu tempo, é estudada magistralmente por Lancel na 2ª parte, a mais longa do seu livro (caps. XVI-XXVII).

A vida e o pensamento de Santo Agostinho interessam não apenas à história da Igreja e à história da teologia cristã, mas igualmente à história da civilização e da cultura do Ocidente num momento capital da sua evolução. Inte-

ressam particularmente à história da Filosofia, seja por algumas das intuições geniais que marcaram definitivamente essa história, seja pelo acervo de informações sobre a filosofia antiga reunido na maior obra que nos legou a Antigüidade tardia. Eis porque a monumental biografia de Serge Lancel merece ser apontada também à atenção dos estudiosos de Filosofia.

Henrique C. de Lima Vaz
CES — BH